

LISBOA E A FESTA:

Celebrações Religiosas e Cívicas na Cidade Medieval e Moderna

COLÓQUIO DE HISTÓRIA E DE HISTÓRIA DA ARTE | ACTAS



Coordenação Teresa Leonor M. Vale | Maria João Pacheco Ferreira | Sílvia Ferreira

LISBOA E A FESTA
Celebrações Religiosas e Cívicas
na Cidade Medieval e Moderna

Colóquio de História e de História da Arte

ACTAS

Coordenação
Teresa Leonor M. Vale
Maria João P. Ferreira
Sílvia Ferreira

Lisboa, 2009

FESTAS de S. CAMILO DE LÉLIS *na IGREJA DO HOSPITAL REAL DE TODOS-OS-SANTOS EM 1747*

Estas festas religiosas e extraordinárias aconteciam sempre que, de Roma, chegava a notícia de se ter concluído mais um processo de beatificação ou canonização⁽¹⁾. Logo se encetavam uma série de iniciativas que decorreriam na igreja da instituição à qual essa figura estava ligada, com a participação de outros membros do clero regular e secular e, muitas vezes, com o apoio e presença do próprio monarca. Para além das cerimónias que se realizavam no espaço interior da igreja, oitavários e ou triduos, previamente ornamentado, organizavam-se luminárias e procissões, como se constata pela notícia que nos é fornecida pela Gazeta de Lisboa:

"(...) Acabou-se o oitavário solenne com que se festejou a canonização do glorioso Santo Toribio Mogrovejo, com uma procissão que acompanharam as religiões que concorreram a esta celebridade que foram as de São Domingos, Santo Agostinho, Santíssima Trindade, Carmelitas, Franciscanos, Terceiros de Nossa Senhora de Jesus e Paulistas, havendo cada uma delas feito officios divinos e panegyrico do mesmo Santo nos dias que lhe couberam do oitavário e iluminando em todas as suas igrejas e mosteiros. O andor foi levado por quatorze prelados das mesmas Religiões e por dois da Companhia de Jesus. Todas as ruas por onde a procissão fez o seu giro estavam armadas (...)”⁽²⁾.

Durante os mais de quarenta anos do reinado de D. João V (1707-1751) estes acontecimentos realizaram-se com grande prodigalidade⁽³⁾. Só no ano de 1727, por exemplo, festejaram-se em diferentes instituições religiosas de Lisboa as seguintes canonizações e beatificações: São Jacome de la Marca, São Francisco Solano, São João da Cruz, São Toribio Mogrovejo, São Peregrino Lazziozi, Santa Inês de Monte Pulciano (canonizações) e Luiz Gonzaga e Estanislau Kostka (beatificações). Embora se trate dum tipo de manifestação religiosa cujo âmbito não sai das instituições que as patrocinam, a elas muitas vezes estava ligado a figura do monarca, ora participando nas cerimónias, ora apoiando e incentivando essas realizações, como se pode constatar pelo conteúdo da carta enviada pelo Secretário de Estado ao Senado da Câmara de Lisboa, em 6 de Setembro de 1727, onde se relata a sua intervenção, cedendo artefactos efémeros, já usados, para serem aplicados numa nova situação⁽⁴⁾. Dizia a carta: *"(...) Sua Magestade é servido que o Senado ordene que a armação que se deu para o Collegio de Santo Antão, se empreste ao sacristão-mor do convento de Nossa Senhora do Monte do Carmo, para se armar a igreja na festa da canonização de São João da Cruz (...)”*.

Em 1747, na igreja do Hospital de Todos-os-Santos, decorreu o oitavário⁽⁵⁾ dedicado ao triunfo do novo Santo da Igreja – São Camilo de Lellis⁽⁶⁾ – fundador da Congregação dos Clérigos Regulares, Ministros dos Enfermos, ou Ordem dos Camilos, ou dos Padres da Boa Morte, patrocinado pela pessoa do próprio D. João V e organizado pelos Padres da Congregação de São Filipe de Neri. Sobre as cerimónias e ornamentações apresentadas foram publicadas duas importantes relações, onde para além de descreverem o sucedido aproveitam para descrever o local onde tudo se viria a passar, revelando-se, portanto, um interessante documento para o estudo deste monumento do património do tempo de D. Manuel I. São eles: *RELAÇÃO das magníficas festas, com que na cidade de Lisboa foy applaudida a Canonização de S. Camillo de Lellis, fundador da Congregaçam dos Clerigos Regulares, Ministros dos Enfermos e Sermões prégados no festivo Oitavario, que pelo mesmo fim se celebrou no Hospital Real de Todos os Santos*. Lisboa: Off. de Francisco da Silva, 1747 e *Estracto da solemnidade, com que se hade applaudir no Hospital Real de Todos os Santos, desde o dia 18 deste mez de Junho até 25 a Canonização de S. Camillo de Lelis, fundador dos Clérigos Regulares, Ministros dos Enfermos*. Lisboa: sd.

Era, a igreja do Hospital Real de Todos-os-Santos, de arquitectura gótica, espaçosa, de uma só nave e "(...) *capella mayor de sufficiente capacidade para contêr em si o coro, em que cantão os Divinos Offícios os Capellaens da Casa e tem mais duas capellas na mesma face da capella mayor, e duas em cada hum dos lados da igreja (...)*"⁽⁷⁾. A frontaria da igreja, que encaixava no meio de dois corpos do Hospital, era toda ela de pedra primorosamente lavrada, apresentando duas portas sobre as quais se abria um nicho que albergava a imagem da Virgem Maria. Nela se concentraram os artistas que fizeram levantar dois tablados para os coros que, no exterior, anunciavam a festa que ali se celebraria. Sobre as duas portas colocaram-se dois painéis, onde estavam pintadas as Armas de Portugal, no do lado esquerdo, e as Armas da Congregação dos Clérigos Regulares Ministros dos Enfermos, no do lado direito. Uma grande inscrição entre os dois quadros anunciava o motivo de tanta pompa: *Camillo de Lellis, Nuper in Sanctos relato, Sacrum festum...* As armas de cada uma das instituições que sucessivamente durante oito dias celebravam e responsabilizavam-se pelas cerimónias eram colocadas por entre as duas portas da entrada da igreja.

No interior, na capela-mor, ergueu-se um trono de composição piramidal, sobre o qual se colocaram imensos castiçais de prata com as respectivas velas e uma grande cruz, ladeada por várias imagens de santos, também de prata. Sobre o trono instalou-se um grande painel, da autoria de Inácio de Oliveira Bernardes (1697-1781)⁽⁸⁾, que representava a figura de Cristo, com os braços

despregados da Cruz, confortando São Camilo, que, em desfalecimento, se deixava amparar por um anjo. Cobria esta composição um "(...) magestoso docel com cimbalha de ouro, o tecto de lhamas de prata com moldura de setim carmesim e ouro; a çanefa era de precioso brocado de ouro e prata, com bordadura e franjas de ouro de feira e, do mesmo brocado erão as duas cortinas que sabião do docel e acompanhavão o painel até o meyo da sua altura, aonde as affastavão hum pouco dous genios prateados, que depois as deixavam cabir airoosamente crespas (...)">⁽⁹⁾. As paredes laterais desta capela-mor, "(...) que tem cada huma tres grandes painéis e tres janellas altas (...)">⁽¹⁰⁾, armaram-se de ricos panos de damasco e de veludo carmesim, festões, cortinas, vasos e outras peças de prata branca e dourada. O pavimento da capela-mor recebeu preciosos tapetes persas provenientes do Tesouro Real. O tecto estava todo ele coberto de damascos e sedas carmesins envolvendo um grande painel redondo onde se via a representação de S. Camilo dando vista a um cego.

Sobre o arco triunfal, que separava a capela-mor da nave, colocou-se o Escudo das Armas Reais sustentado por dois génios dourados.

Nas capelas laterais, que têm dois retábulos de talha dourada servindo de moldura a dois grandes painéis pintados com temática eucarística, o do lado da Epístola, e um Cristo na cruz, o do lado do Evangelho, repetia-se o mesmo programa ornamental. Dentro de dois pavilhões que rematavam os retábulos estavam duas tarjas que mostravam dois passos da vida de São Camilo de Lellis, possivelmente também da utoria de Inácio de Oliveira Bernardes.

A nave, que tinha duas capelas de cada lado,⁽¹¹⁾ encheu-se dos mesmos panos, pavilhões e sanefas que emolduravam tarjas, com pinturas e epígrafes alusivas à vida e virtudes do novo Santo, e muitos outros artefactos⁽¹²⁾ efémeros que engrandeciam e transformavam o interior da igreja num espaço cénico Barroco. No coro alto, levantou-se uma tribuna para a Família Real poder assistir às celebrações. O tecto, de caixotões pintados⁽¹³⁾, foi forrado com tapeçarias que vieram do Paço da Ribeira e o pavimento encheu-se de alcatifas, tornando mais cómoda a estadia dos assistentes durante as longas cerimónias religiosas. Todo este aparato foi da responsabilidade de Marcos da Silva, pessoa muito perita nesta arte de armar, como refere o autor da relação que serve de base a este estudo.

Neste teatro, depois de "(...) preparado assim tudo o necessário e accesas as muitas velas que ardião no Throno, Altares, lampadários e tocheiras e que fazendo brilhar o ouro e prata de que abundava a Igreja, formavão o mais agradável e magestoso espectáculo (...)", decorreram as cerimónias do oitavário. Durante oito dias, de 18 a 25 de Junho de 1747, passaram por este espaço várias instituições para celebrarem as vésperas e, no dia seguinte,

presidirem à celebração da missa e respectivo sermão panegírico⁽¹⁴⁾ Tudo começou com as Vésperas que se celebraram no dia anterior ao destinado ao início das cerimónias “(...) *Entrou por huma das portas principaes da Igreja a Observantíssima Comunidade dos Religiosos Eremitas do insigne habitador dos desertos S. Paulo e depois de fazerem devota oração ao Sacrosanto Sacramento da Eucharistia, passaram à Sacristia, onde se paramentaram riquissimamente o Prelado e Ministros que deviam officiar estas Vésperas e tornando para a Igreja postos na quadratura, que se havia formado no centro da nave, entoou o mesmo Prelado o princípio das Vésperas, cujos psalmos e Hymno forão cantados no coreto por huma harmoniosa e sonora musica composta das melhores vozes potruguêzas e italianas e diversas castas de instrumentos como órgão, rabecas, rabecoens, clarins, autoboás, timbales, flantas (...)*”. Na noite desse mesmo dia e logo que terminaram as cerimónias litúrgicas se deu início às iluminarias que revestiam a fachada da igreja, num programa cenográfico de grande aparato onde ao brilho das quase 7000 velas se acrescentaram elegantes quadros alusivos ao acontecimento, tudo da responsabilidade do cenógrafo italiano Salvador Colonelli. A este magnífico quadro, temos que acrescentar os milhares de velas que iluminavam palácios e casas que compunham a praça do Rossio formando tudo, como afirma o autor do relato “(...) *hum lustroso e novo espectáculo que justamente excitou a curiosidade de quasi todos os habitantes desta cidade (...)*”. Além disso aliaram-se a este espectáculo outras Instituições que fizeram compor nas fachadas das igrejas dos seus conventos e mosteiros importantes programas nocturnos onde mais uma vez as luminárias triunfaram: o autor do relato destaca o esforço da igreja da Trindade, de Nossa Senhora do Carmo, de S. Domingos, de Nossa Senhora de Jesus, do Santíssimo Sacramento dos Eremitas de S. Paulo, de Santo António dos Capuchos, de S. Pedro de Alcântara, do Espírito Santo, de S. Francisco da Cidade, da Senhora da Graça dos Eremitas de Santo Agostinho e do Colégio de Santo Antão dos Padres da Companhia de Jesus.

O último momento desta representação litúrgica aconteceu com a realização de solene procissão que percorreu, a partir do Rossio, as ruas de Lisboa devidamente armadas para a solenidade.

A propósito refere o autor do relato: “(...) *Chegada a tarde, em que se devia dar glorioso fim a toda esta grande solemnidade com huma devotíssima procissão, se encheo a grande praça do Rossio de innumeravel multidão de povo, e nas janellas de todos os palácios e casas, ass. Da praça como das duas ruas dos Escudeiros e Odreiros, que estavam todas vistosamente armadas com muita variedade de sedas e tapeçarias, assistio grande número de pessoas de todas as ierarchias.*

No palácio dos Estaos, que habita hoje o Eminentíssimo Cardeal da Cunha, assistirão à gloriosa solemnidade que nesta tarde se celebrou, ElRey Nosso Senhor e a Rainha Nossa Senhora com toda a mais

FESTAS DE S. CAMILO DE LÉLIS
NA IGREJA DO HOSPITAL REAL DE TODOS-OS-SANTOS EM 1747

Família Real. Para mayor pompa e para conter no devido respeito o grande concurso se mandarão vir dous Regimentos de Infantaria e dous de Caballaria, dos quais os de Infantaria se formarão em duas alas bordando as ruas por onde havia de passar o Triunfo começando da frontaria da igreja, e os dous da Cavallaria se formarão hum de frente do Convento de S. Domingos e outro da parte oposta. Estava o pavimento da praça e ruas coberto de arêa e sobre ella nuitas flores que formavão huma vistosa alcatifa.

Feitas estas preparações e juntas yodas as comunidades religiosas que sucessivamente tinham celebrado os dias do Oitavário, officiou o Pontifical as segundas Vésperas o Excellentissimo Arcebispo de Lacedemônia com assistência sa sua Illustrissima Confraria, e acabadas as Vésperas entoou o Hymno Te Deum Laudamus, que cantou no coreto a música, concluído o qual se deo início à procissão que se formou do modo seguinte: Hião diante dous pares de timbales e nove clarins tocados pelos Trombetas e Timbaleiros Reaes, que levavão vestidas as suas fardas ricas cubertas todas de galoens de ouro. Seguia-se logo hum rico pendão de tela de preta guarnecido de galoens e franjas de ouro, e no meyo primorosamente bordado hum escudo com as Armas da Religião de S. Camillo (...) Depois vinhão as sete comunidades religiosas com as suas Cruzes, pela mesma ordem com que tinham celebrado os dias de festividade, levando todas ciriais acesos que se lhes distribuirão na igreja. Em último lugar a Illustrissima Confraria dos Sacerdotes Seculares, depois da qual se ouvia huma bem ajustada musica, que cantava os louvores do Santo, cuja imagem vestida de tela preta e ouro, com hum Crucifixo de prata na mão, era levado em hum rico andor andar todo prateado por dez pessoas (...) De hum e outro lado do andor levavão doze sacerdotes doze lanternas de prata com velas accesas. Poucos passos depois vinha o Excellentissimo Arcebispo paramentado com pluvial e mitra levando ao seo lado ministros paramentados e seguido dos seus capellães e mais domésticos.

Ordenada deste modo a procissão deo volta pelas ruas dos Escudeiros e Odreiros, e entrando outra vez no Rocio foy andando pela parte poente até o Plácio de Estaos, onde estavam Suas Magestades e depois, voltando para a parte nas centes entrou pela porta da igreja, onde todos juntos, e cantadas as costumadas preces, deo o Excellentissimo Arcebispo a bênção a todos os assistentes (...)."

Enfim, mais uma vez Lisboa se metamorfoseou para receber com pompa tão elevada notícia, agora litúrgica e sagrada. Longe iam os tempos das grandes festas públicas de júbilo que caracterizaram e alegraram as praças, ruas e gentes de Lisboa nos primeiros vinte e cinco anos do reinado do Magnânimo. Este empenho deve-se acima de tudo ao interesse da família real e do próprio Monarca, pois tratando-se de S. Camilo de Lélis, patrono dos Enfermos e Hospitais, mais se percebe que D. João V, em convalescença, quisesse honrar tal figura com importantes manifestações de júbilo e fé.

NOTAS

- (1) Sobre estas festas foram publicadas algumas *Relações*, das quais destacamos: *RELAÇÃO das festas da Casa Professa de S. Roque da cidade de Lisboa Ocidental, nas canonizações dos dois illustres Santos Luís Gonzaga e Stanislaõ Kostka da Companhia de Jesus*, Lisboa Ocid., Off. de Manoel Fernandes da Costa, 1728 e *EXTRACTO da solemnidade com que se hade aplaudir no Hospital Real de Todos-os-Santos, desde o dia 18 deste mez de Junho até 25, a canonização de S. Camillo de Lellis, fundador dos clérigos Regulares, ministros dos enfermos*, Lisboa, s. ed., s.d.
- (2) *GAZETA de Lisboa*, Lisboa, 28 de Agosto de 1727. N.º 35, p. 380.
- (3) Só no ano de 1727 festejaram-se em diferentes instituições religiosas de Lisboa as seguintes canonizações e beatificações: São Jacome de la Marca, São Francisco Solano, São João da Cruz, São Toribio Mogrovejo, São Peregrino Lazziozi, Santa Inês de Monte Pulciano (canonizações) e Luiz Gonzaga e Estanislaõ Kostka (beatificações). Sobre este assunto veja-se, Eduardo Freire de OLIVEIRA, *Elementos...* Vol. 11, p. 140.
- (4) Dizia a carta: "(...) Sua Magestade é servido que o Senado ordene que a armação que se deu para o Collegio de Santo Antão, se empreste ao sacristão-mor do convento de Nossa Senhora do Monte do Carmo, para se armar a igreja na festa da canonização de São João da Cruz...", Eduardo Freire de OLIVEIRA, *Elementos...* Vol. 11, p. 140.
- (5) Sobre este assunto veja-se, *RELAÇÃO das magnificas festas, com que na cidade de Lisboa foy applaudida a Canonização de S. Camillo de Lellis, fundador da Congregaçam dos Clerigos Regulares, Ministros dos Enfermos e Sermões prégados no festivo Oitavario, que pelo mesmo fim se celebrou no Hospital Real de Todos-os-Santos*, Lisboa, Off. de Francisco da Silva, 1747.
- (6) Nasceu em 1550 e morreu em Roma em 1614. Foi canonizado em 1746. Fundou a ordem dos Camilos ou Padres da Boa Morte e, em 1886, o Papa Leão XIII, proclamou-o padroeiro dos Hospitais e dos enfermos. A sua imagem aparece representada na figura do Santo com um crucifixo na mão, Cf. Louis RÉAU, *Iconografia del Arte Cristiano*, Tomo 2, vol. 3, p. 258.
- (7) *RELAÇÃO das magnificas festas...* pp. X-XI.
- (8) *RELAÇÃO das magnificas festas...* pp. XIII.
- (9) *RELAÇÃO das magnificas festas...* pp. XIV.
- (10) *RELAÇÃO das magnificas festas...* pp. XIV.
- (11) Estas capelas eram também de talha dourada, ao moderno, diz o autor da, *RELAÇÃO das magnificas festas...* pp. XXI.
- (12) Destes artefactos destacamos os coretos, colocados junto à porta principal, um de cada lado, entre o coro alto e a última capela, para os músicos e para as principais senhoras que pretendiam assistir às celebrações. Dos pavilhões que os rematavam, pendiam duas tarjas com cenas da vida de São Camilo de Lellis. *RELAÇÃO das magnificas festas...* pp. XXII-XXIII.
- (13) *EXTRACTO da solemnidade com que hade applaudir no Hospital Real de Todos os Santos, desde o dia 18 deste mez de Junho até 25, a Canonização de S. Camillo de Lellis, fundador dos Clerigos Regulares, Ministros dos Enfermos*, Lisboa, s.d., p. 7.
- (14) No primeiro dia presidiram às cerimónias os religiosos da Ordem dos Padres Eremitas de São Paulo, aos quais se seguiram os religiosos da Ordem Terceira de São Francisco, os religiosos de São Francisco da Província de Portugal, os Carmelitas, os religiosos do convento da Santíssima Trindade, os religiosos Agostinhos do convento da Graça, os Dominicanos e os sacerdotes da Congregação da Santíssima Trindade e Caridade dos Clérigos Pobres. Sobre este assunto veja-se *EXTRACTO da solemnidade...* pp. 4-7.

FESTAS DE S. CAMILO DE LÉLIS
NA IGREJA DO HOSPITAL REAL DE TODOS-OS-SANTOS EM 1747



Fig. 1 • S. CAMILO DE LÉLIS, escultura da autoria de José de Almeida (1708-1770), proveniente da igreja do desaparecido convento de S. Camilo e actualmente na igreja da Madalena, Lisboa. Fotografia de Teresa Leonor Vale.